

ESTRESSE PERCEBIDO E CONSUMO REFERIDO DE PSICOFÁRMACOS ENTRE ACADÊMICOS INGRESSANTES NO CURSO DE MEDICINA: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS.

PERCEIVED STRESS AND REPORTED CONSUMPTION OF PSYCHOTROPIC DRUGS AMONG STUDENTS ENTERING THE MEDICAL COURSE: PREVALENCE AND ASSOCIATED FACTORS.

Bianca Farias Ângelo ¹, Helena Mazzuco Farias ², Lalucha Mazzucchetti ³, Thais Ceresér Vilela⁴, Karina Valerim Teixeira Remor ⁵

¹ Acadêmica de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, Santa Catarina, Brasil. E-mail: bia.angelo3@gmail.com

² Acadêmica de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, Santa Catarina, Brasil. E-mail: helenamazzuco@hotmail.com

³ Nutricionista, Dra. Coordenadoria Regional de Educação de Criciúma, Santa Catarina, Criciúma, Brasil. E-mail: lalucha@terra.com.br

⁴ Professora Dra. do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Santa Catarina, Brasil. E-mail: vilelacthais@gmail.com

⁵ Professora Dra. do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Santa Catarina, Brasil. E-mail: karinaremor@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Avaliar o nível de estresse percebido e o consumo de psicofármacos entre estudantes ingressantes em uma universidade no sul de Santa Catarina, além de investigar os fatores associados a esses fenômenos.

Métodos: O estudo foi descritivo, transversal e quantitativo. A amostra incluiu 93 estudantes ingressantes no curso de Medicina. Foram utilizados dois questionários: um sobre perfil sociodemográfico e consumo de psicofármacos, e outro baseado na Escala de Estresse Percebido. Os dados foram coletados através do Google Formulários, com consentimento ético e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados: Dos estudantes avaliados, a maioria era do sexo feminino (65,59%), brancos (93,55%), solteiros (93,55%) e residentes em Tubarão (93,55%). O estudo revelou que 44,09% dos estudantes apresentaram alto nível de estresse percebido. Quanto ao consumo de psicofármacos, 25,81% dos estudantes eram usuários, sendo os antidepressivos a classe mais utilizada. Transtornos como ansiedade e depressão foram frequentemente diagnosticados entre os estudantes.

Conclusão: O estudo conclui que os ingressantes no curso de Medicina enfrentam altos níveis de estresse e utilizam psicofármacos em frequência significativa, refletindo a necessidade de estratégias preventivas e de suporte psicológico dentro das universidades para mitigar esses impactos negativos na saúde mental dos estudantes.

Palavras-Chave: estresse percebido, psicofármacos, acadêmicos ingressantes no curso de medicina.

Objective: This study aims to evaluate the level of perceived stress and the consumption of psychotropic drugs among students entering a university in the south of Santa Catarina, in addition to investigating the factors associated with these phenomena.

Methods: The study was descriptive, cross-sectional and quantitative. The sample included 93 students entering the Medicine course. Two questionnaires were used: one on sociodemographic profile and consumption of psychotropic drugs, and another based on the Perceived Stress Scale. Data were collected using Google Forms, with ethical consent and approval by the Research Ethics Committee.

Results: The majority of the students evaluated were female (65.59%), white (93.55%), single (93.55%) and resident in Tubarão (93.55%). The study revealed that 44.09% of students had a high level of perceived stress. Regarding the consumption of psychotropic drugs, 25.81% of students were users, with antidepressants being the most used class. Disorders such as anxiety and depression were frequently diagnosed among students.

Conclusion: The study concludes that those entering the Medicine course face high levels of stress and use psychotropic drugs at a significant frequency, reflecting the need for preventive strategies and psychological support within universities to mitigate these negative impacts on students' mental health.

Keywords: perceived stress, psychotropic drugs, students entering the medical course.

INTRODUÇÃO

O período que antecede o ingresso no ensino superior, bem como o próprio início da vida acadêmica, é considerado importante momento causador de ansiedade, estresse e até depressão. Entre as possíveis causas para esses desconfortos, pode-se destacar a pressão para o sucesso no vestibular, a interferência familiar e a concorrência entre os acadêmicos¹. Além disso, a entrada em uma universidade é vista como um fator que influencia também o desenvolvimento psicológico dos estudantes, já que representa, muitas vezes, a primeira tentativa de uma identidade autônoma².

Um estudo transversal realizado em uma instituição de ensino superior da região Sul do país, com alunos do primeiro

e do último ano dos cursos de terapia ocupacional, fonoaudiologia e fisioterapia, mostrou uma diminuição na qualidade de vida dos ingressantes no ensino superior quando comparados aos estudantes do último ano, evidenciando as dificuldades do início de uma graduação de ensino na área da saúde³. Além disso, o curso de ensino médico é considerado um fator estressor adicional, já que a graduação soma responsabilidades sociais e técnicas desde o seu início, como o ambiente acirrado vindo dos cursinhos pré-vestibulares, a demanda dos professores, a exigência pela excelência em avaliações, a proximidade com a realidade do paciente, o sofrimento pessoal e familiar, a privação de lazer, a carga horária extenuante, as incertezas

quanto ao exercício da profissão e a sensação de insegurança técnica que contribuem para o aumento da cobrança no ambiente da graduação médica⁴.

Com base nisso, os acadêmicos do curso de Medicina estão expostos a diversos fatores estressores por viverem uma rotina corrida devido à carga horária extensa, à obrigação de dominar conteúdos e saber realizar habilidades técnicas⁵. Ademais, o contato prévio com doenças graves, associado à responsabilidade de se tornarem cuidadores, é capaz de provocar altos níveis de estresse nos acadêmicos, que podem desencadear consequências psicológicas e sociais^{5,6,7}.

No decorrer do curso, o estresse aumentado dos estudantes de medicina torna-se um fator que pode comprometer sua qualidade de vida, gerando como consequência dificuldades em relacionamentos sociais e o abuso de substâncias, como os psicofármacos⁸. De fato, um estudo transversal envolvendo acadêmicos do curso de Medicina e Engenharia da Universidade de Rio Verde, mostrou que 65,8% dos entrevistados já tinham feito uso de substâncias psicoativas, sendo que 51,4% dos participantes alegaram ter feito o uso para estudar por longas horas ou em véspera de prova⁹.

Uma revisão sistemática sobre a saúde mental dos estudantes de Medicina

brasileiros mostrou um aumento de interesse na saúde mental e uma inquietação necessária em relação ao adoecimento dos estudantes de ensino médico, já que os resultados das pesquisas sobre esse tema trazem, em sua maioria, dados mostrando uma ocorrência de sofrimento mental entre os estudantes de Medicina, maior do que na população em geral. O discurso de que esse sofrimento é inerente ao processo de tornar-se médico é reafirmado constantemente pela escola médica e pela sociedade, o que contribui para a naturalização do adoecimento psíquico entre acadêmicos¹⁰. Esse pensamento facilita a busca por válvulas de escape que, em muitos casos, podem favorecer o desenvolvimento de dependência e a ampliação do sofrimento¹¹.

Diante das considerações supracitadas, o presente estudo visa avaliar o nível de estresse percebido e o consumo de psicofármacos em universitários ingressantes em um curso de medicina de uma instituição de ensino superior no sul catarinense, bem como os fatores associados à sua ocorrência.

MÉTODOS

O presente estudo epidemiológico foi caracterizado como de delineamento transversal, quantitativo e com dados primários.

A amostra foi composta pelos estudantes ingressantes no curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Tubarão, que tinha como característica o ingresso anual de novos acadêmicos. A instituição é privada, com ingresso através de vestibular próprio.

Os critérios utilizados para selecionar aqueles que participaram da população de estudo da pesquisa foram: Estar matriculado em uma unidade curricular obrigatória do segundo semestre do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina campus Tubarão; estar presente na sala de aula durante o período da coleta de dados; ambos os sexos; ter 18 anos ou mais; acessar o *link* para responder o questionário eletrônico. O critério utilizado para a exclusão dos participantes da presente pesquisa foi não aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado eletronicamente no momento em que o *link* do questionário foi acessado.

A sistemática da coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa foi feita através da aplicação de dois questionários distintos. Um contendo 23 questões elaboradas pelas próprias autoras, com base na literatura, sobre perfil sociodemográfico e o consumo de medicamentos psicotrópicos e o histórico médico psiquiátrico, e o outro, com base na Escala de estresse percebido (PSS). A

escala de estresse é uma ferramenta padronizada que avalia o estresse por meio de um questionário que contém perguntas que podem ser respondidas escolha das seguintes alternativas: 0= nunca; 1= quase nunca; 2=às vezes; 3=quase sempre; 4= sempre. A soma desses números atribuídos gera uma pontuação total, que de um a 30 pontos é considerado baixo nível de estresse e de 31 a 56 é considerado de alto nível.

O procedimento foi realizado nas salas onde os estudantes do segundo semestre do curso de Medicina estavam tendo aulas (lembrando que na referida instituição o ingresso é anual e todos os ingressantes estavam no segundo semestre), com a autorização da coordenação do curso e após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição. O formulário foi acessado através de um *QR code* (QR), que foi disponibilizado para que os estudantes escaneassem e se direcionassem ao *link* do questionário usado como instrumento da coleta de dados, que foi respondido após o aceite do TCLE.

Visando a coleta efetiva dos dados relevantes para compor o banco de dados do trabalho, foi utilizado um questionário realizado através da plataforma *Google* Formulários, com suas questões desenvolvidas pelas acadêmicas responsáveis. O questionário continha 23 questões, abertas e de múltipla escolha,

que foram respondidas pelos estudantes do segundo semestre do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, campus Tubarão.

A plataforma *online* forneceu o banco de dados da pesquisa através das respostas dadas pelos estudantes e ficou salva no sistema “nuvem” de criptografia de dados. Essas informações foram baixadas em um *drive* externo (HD) para possibilitar a análise dos dados e garantir o armazenamento das informações.

A variável desfecho foi a identificação do estresse percebido e o consumo de psicofármacos entre os estudantes da segunda fase de ensino médico. Outras variáveis da pesquisa foram: idade, sexo, cor/raça, semestre do curso, estado civil, graduação prévia, cidade de origem, local de residência, com quem mora, informações do estresse percebido e informações do consumo referido de psicofármacos.

Quanto aos aspectos éticos, o presente trabalho foi submetido e aprovado pelo CEP da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob o número de protocolo 6.548.744 de acordo com os critérios contidos na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

As variáveis quantitativas foram descritas por meio de medidas de tendência central e dispersão dos dados,

assim como a porcentagem para as variáveis qualitativas. Esses dados foram coletados e encaminhados para o *software Microsoft Excel*, que foram compilados em planilhas e, posteriormente, exportados para o *software SPSS 20.0*, analisados e descritos na forma de frequência absoluta. O teste do qui-quadrado (χ^2) foi usado para avaliar a associação estatística, sendo estabelecido um nível de significância com valor $p < 0,05$.

Na descrição dos dados foram utilizadas frequências absolutas (n) e relativas (%) para variáveis qualitativas e medidas de tendência central e dispersão para as quantitativas. A normalidade foi identificada pelo teste de Shapiro-Wilk. A existência de associação foi avaliada por meio do teste de qui-quadrado de Pearson e exato de Fisher. Nos casos das tabelas de contingência maiores que 2×2 , em que se verificou significância estatística ($p < 0,05$), utilizou-se o post hoc análise de resíduos para identificar as categorias com diferenças. Para a comparação dos valores médios foi utilizado o teste t de Student. O nível de significância usado na pesquisa foi de 5% ($p < 0,05$). O programa Excel foi empregado para elaboração do banco de dados e gráficos e o *software Stata 16.1* (STATA, 2019), para análise dos dados¹².

RESULTADOS

A presente pesquisa avaliou o nível de estresse percebido, o consumo de psicofármacos e os fatores associados em 93 estudantes ingressantes no curso de Medicina.

No que se refere ao desfecho nível de estresse percebido, 52 (55,19%) avaliados neste estudo foram classificados como com baixo nível e 41 (44,09%), com alto nível. A pontuação média dos avaliados foi de 28,26 pontos (Desvio-padrão – DP: 6,70 pontos) e variou entre 12 e 43 pontos; os classificados com nível alto de estresse percebido mostraram a média de pontos

A Figura 1 mostra que os antidepressivos (n=16; 66,67%) foram a classe medicamentosa mais usada entre os 24 estudantes usuários de medicamentos controlados, seguidos

estatisticamente maior ($p < 0,0001$), do que os com nível baixo de estresse (34,00 pontos vs 23,73 pontos).

Em relação ao desfecho uso de medicamentos psicotrpicos (controlados), verifica-se que 24 (25,81%) se declararam usuários e 69 (74,19%) não usuários. Dos usuários, 18 (75,00%) usam apenas um medicamento diário; cinco (20,83%), usam dois medicamentos concomitantes (dois antidepressivos); e um (4,17%) usa três medicamentos concomitantes (dois antidepressivos e um psicoestimulante).

pelos psicoestimulantes (n=7; 29,17%); apenas um (4,17%) paciente utilizou os anticonvulsivantes. As medicações mais utilizadas foram: Sertralina, Escitalopram, Desvenlafaxina, Fluoxetina e Citalopram.

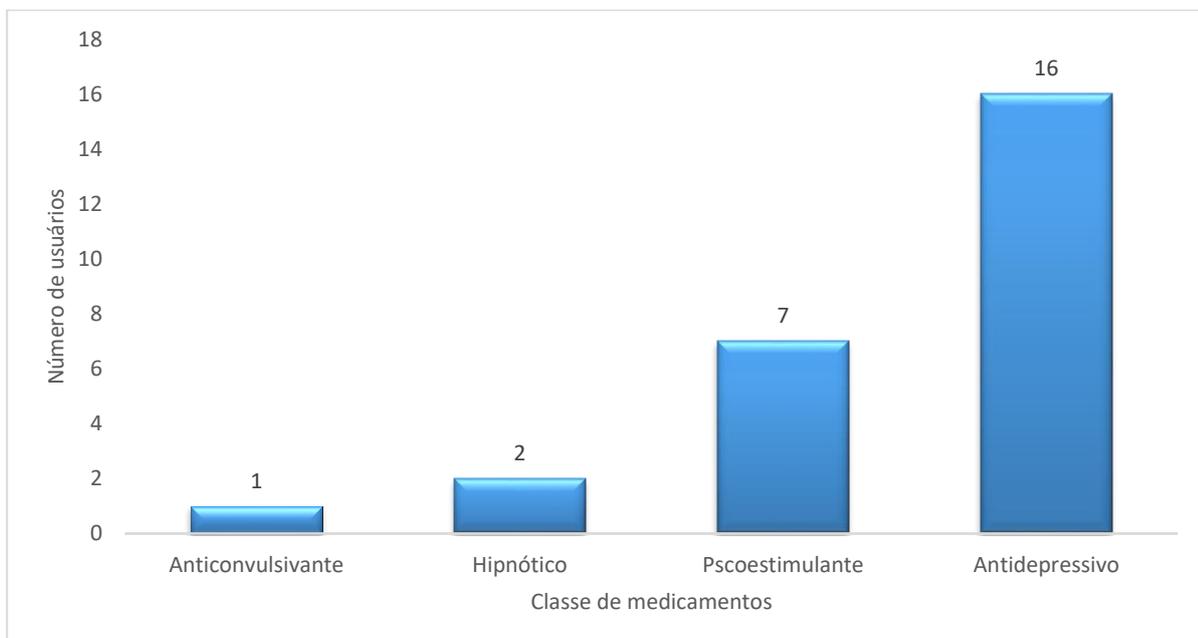


Figura 1: Número de estudantes (n=24) ingressantes no curso de Medicina, segundo a classe de medicamentos psicotrpicos (controlados) em uso. Tubarão, 2024.

Na Tabela 1 verifica-se frequência estatisticamente maior entre os usuários de medicamentos psicotrópicos, de medicamentos em geral (100,0% vs 5,80%); de uso de medicamento controlado prescrito por profissional de saúde (100,00% vs 10,14%); e da realização de consulta prévia com psiquiatra (83,33% vs 20,29%), do que entre os não usuários de medicamentos psicotrópicos. Entre os não usuários de medicamentos do tipo psicotrópico, verificou-se frequência maior de

estudantes que não tiveram medicamento controlado prescrito por profissionais da saúde (69,57% vs 0,00%) e dos que preferiram não responder a referida questão (20,29% vs 0,00%), do que entre os usuários de psicotrópicos. As demais variáveis que mostraram significância estatística (desfecho uso de psicotrópico e nível de estresse), na Tabela 2, não podem ser utilizadas com segurança em função da quebra de pressupostos teóricos, relacionados ao número de variáveis existentes nas categorias.

Tabela 1: Descrição do número e porcentagem de estudantes (n=94) ingressantes no curso de Medicina, segundo as variáveis sociodemográficas, uso de medicamentos psicotrópicos (controlados) e nível de estresse percebido. Tubarão, 2024.

Variáveis	Uso de medicamento				Valor de p*	Nível de estresse				Valor de p*	Total	
	psicotrópico					percebido					n	%
	Não	Sim	Baixo	Alto								
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%			
Sexo												
Feminino	44	63,77	17	70,83	0,530	31	59,62	30	73,17	0,172	61	65,59
Masculino	25	36,23	7	29,17		21	40,38	11	26,83		32	34,41
Cor												
Branco	63	91,30	24	100,00	0,135	50	96,15	37	90,24	0,249	87	93,55
Pardo	6	8,70	-	-		2	3,85	4	9,76		6	6,45
Estado civil												
Solteiro	65	94,20	22	91,67	0,732	47	90,38	40	97,56	0,318	87	93,55
Casado/união estável	3	4,35	1	4,17		3	5,77	1	2,44		4	4,30
Outro	1	1,45	1	4,17		2	3,85	-	-			2,15
Graduação prévia												
Não	67	97,10	22	91,67	0,258	50	96,15	39	95,12	0,808	89	95,70
Sim	2	2,90	2	8,33		2	3,85	2	4,88		4	4,30
Descrição da graduação prévia												

Engenharia elétrica	-	-	1	50,00	0,223	1	50,00	-	-	0,223	1	33,33
Fisioterapia	1	100	-	-	-	-	-	1	100,00	-	1	33,33
Pedagogia	-	-	1	50,00	-	1	50,00	-	-	-	1	33,34
Estado de origem												
Santa Catarina	45	65,22	14	58,33	0,053	33	63,46	26	63,41	0,585	59	63,44
Rio Grande do Sul	9	13,04	8	33,33	-	11	21,15	6	14,63	-	17	18,28
Outro	15	21,47	2	8,33	-	8	15,38	9	21,95	-	17	18,28
Residência atual em Tubarão												
Não	6	8,70	-	-	0,135	3	5,77	3	7,32	0,763	6	6,45
Sim	63	91,30	24	100	-	49	94,23	38	92,68	-	87	93,55
Com quem reside atualmente												
Sozinho	27	39,13	11	45,83	0,956	19	36,54	19	46,34	0,673	38	40,86
Pais e/ou irmãos	28	40,58	9	37,50	-	23	44,23	14	34,15	-	37	39,78
Amigos	9	13,04	2	8,33	-	6	11,54	5	12,20	-	11	11,83
Namorado(a)	2	2,90	1	4,17	-	1	1,92	2	4,88	-	3	3,23
Marido/Esposa	3	4,35	1	4,17	-	3	5,77	1	2,44	-	4	4,30

Legenda: N: número; %: porcentagem; ¥: relativo ao teste de qui-quadrado de Pearson ($p < 0,05$).

Tabela 2: Descrição do número e porcentagem de estudantes ($n=94$) ingressantes no curso de Medicina, segundo as variáveis clínicas, uso de medicamentos psicotrpicos (controlados) e nível de estresse percebido. Tubarão, 2024.

(continua)

Variáveis	<u>Uso de medicamento psicotrópico</u>				Valor de p^*	<u>Nível de estresse percebido</u>				Valor de p^*	<u>Total</u>	
	<u>Não</u>		<u>Sim</u>			<u>Baixo</u>		<u>Alto</u>			n	%
	n	%	N	%		n	%	n	%			
Ingresso no curso de Medicina estressante												
Não	32	46,38	9	37,50	0,603	31	59,62	10	24,39	0,002[€]	41	44,09
Prefiro não responder	1	1,45	-	-	-	-	-	1	2,44	-	1	1,08
Sim	36	52,17	15	62,50	-	21	40,38	30	73,17	-	51	54,84

Motivo do estresse

Mudanças	7	22,58	5	38,46	0,883	6	28,57	6	26,09	0,533	12	27,27
Pressão psicológica	12	38,71	5	38,46		6	28,57	11	47,83		17	38,64
Ansiedade	1	3,23	-	-		1	4,76	-	-		1	2,27
Dúvidas do que cursar	1	3,23	-	-		1	4,76	-	-		1	2,27
Dificuldades com a alimentação	3	9,68	1	7,69		3	14,29	1	4,35		4	9,09
Peso dos estudos	5	16,13	1	7,69		2	9,52	4	17,39		6	13,64
Financeiro	1	3,23	-	-		1	4,76	-	-		1	2,27
Outro	1	3,23	1	7,69		1	4,76	1	4,35		2	4,55

Percepção de aumento do estresse

Não	24	34,78	6	25,00	0,545	23	44,23	7	17,07	0,011[€]	30	32,26
Prefiro não responder	1	1,45	-	-		1	1,92	-	-		1	1,08
Sim	44	63,77	18	75,00		28	53,85	34	82,93		62	66,67

Influência do estresse na rotina

Não	38	55,07	13	54,17	0,731	38	73,08	13	31,71	<0,0001[€]	51	54,84
Prefiro não responder	1	1,45	1	4,17		1	1,92	1	2,44		2	2,15
Sim	30	43,48	10	41,67		13	25,00	27	65,85		40	43,01

Como percebe alteração

Concentração	27	39,13	14	58,33	0,284	2	20,00	4	18,18	0,586	41	44,09
Atrapalha os estudos	22	31,88	5	20,83		1	10,00	-	-		27	29,03
Saúde mental	14	20,29	2	8,33		5	50,00	10	45,45		16	17,20
Atrapalha o lazer	2	2,90	2	8,33		1	10,00	4	18,18		4	4,30
Outro	4	5,80	1	4,17		1	10,00	4	18,18		5	5,38

**Saúde mental
após o ingresso
no curso**

Razoável	27	39,13	14	58,33	0,284	17	32,69	24	58,54	0,002[€]	41	44,09
Boa	22	31,88	5	20,83		19	36,54	8	19,51		27	29,03
Muito boa	14	20,29	2	8,33		13	25,00	3	7,32		16	17,20
Excelente	2	2,90	2	8,33		3	5,77	1	2,44		4	4,30
Ruim	4	5,80	1	4,17		-	-	5	12,20		5	5,38

**Uso de algum
medicamento**

Não	65	94,20	-	-	<0,0001	39	75,00	26	63,41	0,227	65	69,89
Sim	4	5,80	24	100		13	25,00	15	36,59		28	30,11

**Medicamento
controlado foi
prescrito por
profissional de
saúde**

Não	48	69,57 ^a	-	- ^b	<0,0001[€]	29	55,77	19	46,34	0,572	48	51,56
Prefiro não responder	14	20,29 ^a	-	- ^b		8	15,38	6	14,63		14	15,05
Sim	7	10,14 ^a	24	100 ^b		15	28,85	16	39,02		31	33,33

**Consulta prévia
com psiquiatra**

Não	55	79,71	4	16,67	<0,0001	33	63,46	26	63,41	0,996	59	63,44
Sim	14	20,29	20	83,33		19	36,54	15	36,59		34	36,56

**Diagnóstico prévio
de transtorno
psiquiátrico**

Não	58	84,06	5	20,83	<0,0001	38	73,08	25	60,98	0,180	63	67,74
Prefiro não responder	1	1,45	1	4,17		-	-	2	4,88		2	2,15
Sim	10	14,49	18	75,00		14	26,92	14	34,15		28	30,11

Legenda: N: número; %: porcentagem; ¥: relativo ao teste de qui-quadrado de Pearson ($p < 0,05$); €: relativo ao teste exato de Fisher ($p < 0,05$).

Por fim, a Figura 2 mostra que 25 dos alunos entrevistados referiram algum tipo

de transtorno psiquiátrico. Entre esses, a ansiedade foi a mais frequente ($n=13$;

52,00%), seguida pela depressão (n=10; 40,00%); a bipolaridade foi o transtorno mental menos citado (n=1; 4,00%). Não se verificou a existência e associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) com o número e medicamentos controlados ou com o nível de estresse. Verificou-se

ainda que 15 (60,00%) avaliados referiram apenas um diagnóstico psiquiátrico; oito (32,00%) avaliados, dois diagnósticos psiquiátricos concomitantes; um (4,00%) avaliado, três diagnósticos concomitantes; e, um (4,00%) avaliado, quatro diagnósticos concomitantes.

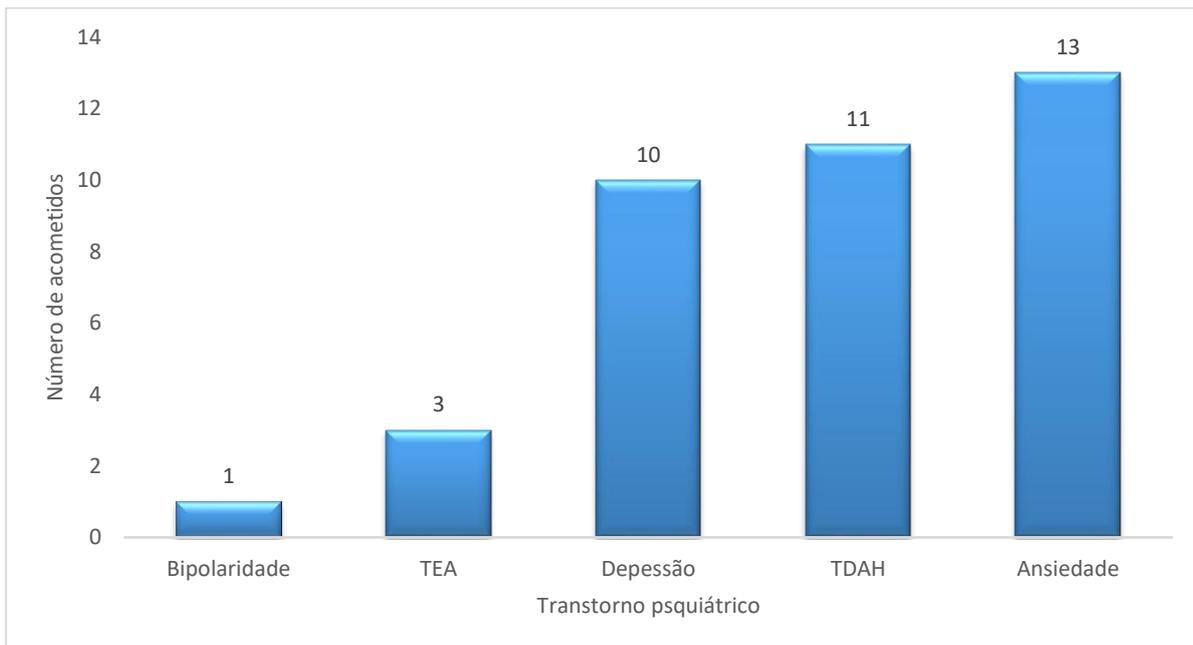


Figura 2: Número de estudantes (n=25) ingressantes no curso de Medicina, segundo o tipo de transtorno psiquiátrico referido. Tubarão, 2024.

DISCUSSÃO

O presente trabalho mostra que os ingressantes no curso de Medicina são na maioria do sexo feminino, achado semelhante ao de outras universidades médicas brasileiras. Dessa forma, o perfil dos ingressantes no curso de Medicina concorda com um estudo recente, transversal e exploratório, desenvolvido numa instituição de ensino superior em Minas Gerais com 141 acadêmicos do

primeiro ano do curso, no qual mostrou um perfil sociodemográfico de maioria pertencente ao sexo feminino¹³. Similarmente, outra pesquisa realizada no distrito federal mostrou uma média de 57,9% sendo do sexo feminino¹⁴.

Ainda em relação ao perfil dos acadêmicos, o mesmo estudo realizado no Distrito Federal também apresentou prevalência de acadêmicos brancos 68%. Além disso, outro dado importante mostrou

que 98% dos acadêmicos ingressantes são solteiros¹⁴. Esse perfil é semelhante ao encontrado no presente trabalho.

Em relação ao estresse percebido, em pesquisa realizada com 249 estudantes de Medicina, medindo percepção de estresse, qualidade de vida, qualidade de sono e saúde mental, mostrou que o escore médio relativo ao estresse percebido (30,63), semelhante ao valor encontrado no presente estudo (28,26)¹⁵. Neste cenário, um estudo analítico e transversal, realizado com 1.111 estudantes de Medicina e de Odontologia, relatou que a frequência de uso de psicofármacos é maior em situações de estresse, de perda familiar ou de submissão a cirurgias pelos estudantes. Além disso, cerca de 37% dos entrevistados na pesquisa afirmaram que obtiveram os medicamentos sem prescrição médica. As classes farmacológicas mais utilizadas foram os ansiolíticos, os antidepressivos e os psicoestimulantes. Evidenciando-se, mais uma vez, que a demanda exigida pelo curso é um fator de grande importância para o uso de psicofármacos¹⁶.

O resultado apresentado na presente pesquisa quanto a prevalência de usuários de psicotrópicos (25,81%) mostrou-se semelhante ao estudo citado anteriormente, realizado em duas

universidades em Maceió, uma pública e uma privada. Tal estudo apresentou um resultado de 36,7% de estudantes em uso de psicotrópicos. Entretanto, é importante ressaltar que o autor que realizou a pesquisa referiu que esse número pode estar minimizado, visto que alguns acadêmicos podem fazer uso e ter deixado esse item em branco ou não desejaram respondê-lo¹⁶.

Outra pesquisa de caráter exploratória do tipo transversal constituída por 200 estudantes matriculados no curso de Medicina de uma universidade, com a amostra formada por 100 alunos do primeiro ano do curso e 100 alunos do sexto ano mostrou que, dos entrevistados do primeiro ano, 23% (n=23) afirmaram fazer uso de algum tipo de psicofármaco durante o período de coleta dos dados, sendo a classe dos psicoestimulantes os medicamentos mais utilizados pelos estudantes do primeiro ano (65%), enquanto os antidepressivos representaram a segunda classe mais relatada. Ambas as classes medicamentosas mais relatadas entram em concordância com a do presente estudo como as mais utilizadas, bem como o número de usuários de psicofármacos apresentado no presente estudo (25,81%)¹⁷.

Em relação ao tratamento de transtornos mentais, entre eles o estresse, as classes de psicofármacos mais utilizadas para esses fins são os antidepressivos, ansiolíticos e hipnóticos, antipsicóticos e estabilizadores de humor¹⁸. Conforme apresentado no livro Farmacologia para Biologia, os psicofármacos, psicotrópicos ou substâncias psicoativas, como também são conhecidos, são substâncias químicas que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC), modificando as sensações e alterando o comportamento, o humor, a percepção e outras funções mentais, sendo utilizados para melhora ou estabilidade dos sintomas causados por doenças psiquiátricas¹⁹.

O trabalho científico publicado em 2021 pela Revista de Ciências Médicas e Biológicas, ao avaliar o uso de psicofármacos por universitários, revelou que o acúmulo de tarefas, a carga horária imposta, as cobranças pessoais e familiares, a baixa renda familiar e a dificuldade nos relacionamentos interpessoais entre os alunos impactaram negativamente na saúde mental dos universitários²⁰. Em uma revisão sobre o consumo de medicamentos, os autores destacam que a rotina universitária pode aumentar a vulnerabilidade para o início da

automedicação. Ainda, tal estudo mostra que os acadêmicos do curso de Medicina, apesar do conhecimento sobre medicamentos, podem sofrer dos malefícios associados ao uso indevido destes²¹.

Outra pesquisa mostrou apresentou um resultado de 44,57% de frequência de automedicação entre alunos do primeiro e segundo ano do curso de Medicina. No entanto, os dados aqui apresentados mostraram um número maior, já que os participantes em sua maioria (69,57%) fazem uso de medicamentos sem a prescrição de um profissional da saúde²².

As primeiras formulações do estresse na biologia se baseiam em conceitos da Medicina, porque foi nesta área onde se desenvolveram as primeiras investigações, especialmente na relação entre doença coronária e o estresse²³. Foi no campo da Psicologia que as complicações do conceito de estresse aumentaram. Um grupo de investigadores foi mais além das concepções mencionadas, ao reconhecer a repercussão do estresse também estava relacionada à estabilidade psicológica²³.

Atualmente, sabe-se que o estresse gera uma sensação vaga e desagradável de tensão expectante que provoca certas manifestações físicas, como sudorese,

tremor, dispneia e entre outros. A distinção entre a sensação de estresse e a sensação de medo é feita pelo fato de que o estresse não está relacionado com um objeto ou uma situação específica. Sendo assim, o estresse tornou-se motivo de preocupação por ser considerado um fator prejudicial à saúde física e mental do indivíduo²⁴.

De acordo com uma pesquisa feita pela OMS em 2017, o Brasil foi eleito como o país com maior prevalência de transtornos ansiosos e o 5º com maior prevalência de transtornos depressivos²⁵. No mesmo ano, a Revista Brasileira de Psiquiatria realizou um estudo avaliando a prevalência de transtornos mentais e seus fatores associados em 18.015 acadêmicos de Medicina. Como resultado, cerca de 31% dos estudantes apresentaram pelo menos um transtorno mental como depressão, ansiedade, abuso de álcool e outros transtornos mentais. Os transtornos mentais mais prevalentes no estudo relacionavam-se à ansiedade (89,6%), revelando que a maioria dos estudantes de Medicina tem propensão de desenvolver sintomas de ansiedade, estresse e preocupação²⁶.

Dessa forma, pode-se afirmar que o aumento da prevalência de transtornos mentais vem sendo motivo de pesquisa há algum tempo no Brasil. Ao tratar-se de

aumento de estresse e de transtornos mentais na população, os acadêmicos de Medicina estão entre os grupos mais afetados. Como evidenciado em um estudo realizado em 2014 pela Associação Médica Americana (AMA) que visava comparar a prevalência de *burnout* e outras formas de estresse entre acadêmicos de Medicina e acadêmicos de outras graduações de idades semelhantes, o *burnout*, a depressão, a ideação suicida e a dificuldade nas relações sociais são mais frequentes entre os estudantes de Medicina em relação aos universitários de outros cursos²⁷.

De fato, um estudo do tipo transversal publicado pela Revista Interdisciplinar Ciências Médicas avaliou 110 acadêmicos de Medicina de Minas Gerais e mostrou que a prevalência de pessoas com diagnóstico muito provável de TAG (transtorno de ansiedade generalizada) foi de 27,7%²⁸. No presente estudo, a prevalência de ansiedade foi de 13,8%. Além disso, outra pesquisa mostrou que oitenta e nove alunos (83,96%) apresentaram pelo menos um diagnóstico no momento da entrevista. Dentre os diagnósticos apresentados 43,38% é diagnosticado com ansiedade e 33,01% diagnosticado com transtorno de humor²⁹. Assim, o transtorno de ansiedade parece

estar entre os mais prevalentes devido às demandas intensas exigidas pelo curso de Medicina.

Em relação às medicações mais utilizadas pelos acadêmicos de Medicina no presente estudo destacam-se: Sertralina, Escitalopram, Desvenlafaxina, Fluoxetina e Citalopram. Já uma pesquisa realizada pela Universidade Católica de Goiás de caráter quantitativo, fez um levantamento envolvendo os principais psicotrópicos utilizados pelos estudantes analisados, nas quais foram: Escitalopram, Sertralina, Fluoxetina, Paroxetina, Trazodona, Vortioxetina e Citalopram³⁰. Pode-se perceber que as classes medicamentosas encontradas na presente pesquisa foram bastante semelhantes às encontradas na literatura.

Vale destacar que uma pesquisa realizada na mesma instituição do presente estudo visando avaliar o nível de estresse, sedentarismo e automedicação, mostrou uma associação entre altos níveis de estresse e a utilização de medicamentos sem prescrição³¹.

Quanto às limitações do presente estudo, pode-se citar que o estresse percebido é um dado subjetivo, feito através da própria autopercepção da população estudada, e assim pode estar

minimizado ou exacerbado dependendo do autoconhecimento de cada estudante.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados desta pesquisa, o perfil do acadêmico de Medicina foi caracterizado como de sua maioria composto pelo sexo feminino, de cor branca, de estado civil solteiro, sem graduação prévia, natural de Santa Catarina (63,44%) e residente na cidade de Tubarão.

No que se refere ao nível de estresse percebido, quase metade dos acadêmicos participantes da pesquisa apresentaram um alto nível de estresse. Além disso, quanto ao uso de psicofármacos 25,81% se declararam usuários, em sua maioria usando antidepressivos, seguido de psicoestimulantes. Já quanto à prevalência de transtornos mentais, o transtorno ansioso apresentou-se mais prevalente e, por conseguinte, o transtorno depressivo. Sendo assim, os dados aqui apresentados sugerem que a grande exigência imposta pelo curso de Medicina propicia a criação de um ambiente estressor e potencializador para o uso de psicofármacos entre os estudantes. Com base neste trabalho sugere-se que estratégias de promoção de saúde e de conscientização acerca tema, possam ser implementadas no público pesquisado

visando contribuir para o bem-estar no ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

1. SANTOS, F.S.; MAIA, C.R.; FAEDO, F.C.; GOMES, G.P.; NUNES, M.E.; OLIVEIRA, M.V. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. **Rev Bras Educ Medica**. 41(2):194-200, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n2rb20150047>
2. TEIXEIRA, M. A. P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008.
3. ANVERSA, A.C.; SANTOS, V.A.; SILVA, E.B.; FEDOSSE, E. Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: uma reflexão necessária. **Cad Bras Ter Ocupacional** 26(3):626-31, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1185>
4. ANDRADE, J.B.; SAMPAIO, J.J.; FARIAS, L.M.; MELO, L.D.; SOUSA, D.P.; MENDONÇA, A.L.; MOURA FILHO, F.F.; CIDRÃO, I.S. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. **Rev Bras Educ Medica**; 38(2):231-42, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-55022014000200010>
5. LEITE, A.F.; RIBEIRO, C.M.; DIAS, V.A. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. **Rev Int Educ Super**. 7:e021037, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/riesup.v7i0.8659934>
6. AGUIAR, S.M.; VIEIRA, A.P.; VIEIRA, K.M.; AGUIAR, S.M.; NÓBREGA, J.O. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. **J Bras Psiquiatr**. 58(1):34-8, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0047-20852009000100005>
7. FEODRIPPE, A.L.; BRANDÃO, M.C.; VALENTE, T.C. Qualidade de vida de estudantes de Medicina: uma revisão. **Rev Bras Educ Medica**, 37(3):418-28, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-55022013000300014>
8. WANSCHER, D; PRADO, G.P.; FRIGO, J. Uso de psicotrópicos por alunos do ensino superior. **Ver UNINGÁ**.18(2):5-9, 2018.
9. SILVA, N.M.; SENE, E.R.; MATOS, L.V.; ROQUE, G.M.; CABRAL, A.E.; MACHADO, L.C.; DA SILVA, R.C.; BORGES, F.V. Uso de psicofármacos por estudantes de medicina e engenharias. **Braz J Health Rev**.6(3):8537-43, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n3-013>
10. CONCEIÇÃO, L.D.; BATISTA, C.B.; DÂMASO, J.G.; PEREIRA, B.S., CARNIELE RC, PEREIRA GD. Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. **Avaliacao**. 24(3):785-802, 2019 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-40772019000300012>
11. BRITO JÚNIOR, M.S.; COELHO, K.S.; SERPA JUNIOR, O.D. A formação médica e a precarização

- psíquica dos estudantes: uma revisão sistemática sobre o sofrimento mental no percurso dos futuros médicos. **Physis**, 32(4), 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312022320409>
12. StataCorp. Stata: Release 16.1. Statistical Software. College Station, TX: StataCorp LLC. 2019.
13. SANTOS, F.S.; MAIA, C.R.; FAEDO, F.C.; GOMES, G.P.; NUNES, M.E.; OLIVEIRA, M.V. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. **Rev Bras Educ Medica**. 41(2):194-200, 2017 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n2rb20150047>
14. MAGALHÃES, C.M.; DE CARVALHO, F.N. **O caso dos ingressantes do curso de Medicina de uma Universidade privada do Distrito Federal Brasília**. Perfil fundação Oswaldo Cruz. 2019. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/52281/claudia_garcia_fio_df_espec_2019.pdf?sequence=2&isAllowed=y
15. AMORIM, B.B.; MORAES, L.; SÁ, I.C.; SILVA, B.B.; CAMARA FILHO, J.W. Saúde mental do estudante de Medicina: psicopatologia, estresse, sono e qualidade de vida. **Rev Psicol Divers Saude**. 7(2):245, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i2.1911>
16. ARAUJO, A.F.; RIBEIRO, C.M.; DIAS, V. A. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. **Rev Int Educ Super**. 7:e021037, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/riesup.v7i0.8659934>
17. DE LUNA, I.S.; DOMINATO, A.A.; FERRARI, F.; DA COSTA, A.L.; PIRES, A.C., XIMENDES, G.S. Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de são paulo. **Colloq vitae**. 10(1):22-8, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5747/cv.2018.v10.n1.v216>
18. CORDAS, T.A.; MORENO, R.A. **Condutas em Psiquiatria**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.
19. LEMOS, T.; DE LIMA, T.C. **Farmacologia para Biologia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
20. TAVARES, T.R.; COIMBRA, M.B.; OLIVEIRA, C.K.; BITTENCOURT, B.F.; LEMOS, P.D.; LISBOA, H.C. Avaliação do uso de psicofármacos por universitários. **Rev Cienc Medicas Biol**. 20(4):560-7, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cmbio.v20i4.43820>
21. OLIVEIRA, M.M.; CORAGE, L.D.; OLIVEIRA, B.D.; SILVA, L.G. Automedicação de psicotrópicos em acadêmicos da área da saúde: uma revisão da literatura brasileira entre 2000 a 2017. **Saude Pesqui**. 11(3):623, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17765/1983-1870.2018v11n3p623-630>
22. MORAES, L.G.; DALA BERNARDINA, L.S.; ANDRIATO, L.C.; DALVI, L.R.; LOYOLA, Y.C. Automedicação em acadêmicos de Medicina Self-medication in medical

- students Endereço para correspondência. **Rev Soc Bras Clin Med.** 2018 Disponível em: <https://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/361>
23. FILGUEIRAS, J.C.; HIPPERT, M.I. A polêmica em torno do conceito de estresse. **Psicologia.** 19(3):40-51., 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-98931999000300005>
24. ABRAHÃO, T.B.; LOPES, A.P. Principais causas do estresse e da ansiedade na sociedade contemporânea e suas consequências na vida do indivíduo. **Rev Interdiscip Cienc Humanas Sociais.** 3(1). 2022 Disponível em: <https://doi.org/10.33872/revcontrad.v3n1.e028>
25. DE SOUZA, I.M.; DE SOUSA, J.P.M. Brazil: world leader in anxiety and depression rates. **Rev Bras Psiquiatr.** 39(4):384, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2300>
26. PACHECO, J.P.; GIACOMIN, H.T.; TAM, W.W.; RIBEIRO, T.B.; ARAB, C.; BEZERRA, I.M.; PINASCO, G.C. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. **Rev Bras Psiquiatr.** 39(4):369-78, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2223>
27. DYRBYE, L.N.; WEST, C.P.; SATELE, D.; BOONE, S.; TAN, L.; SLOAN, J.; SHANAFELT, T.D. Burnout Among U.S. Medical Students, Residents, and Early Career Physicians Relative to the General U.S. Population. **Acad Med.** 89(3):443-51, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/acm.0000000000000134>
28. JORDÃO PINTO, N.A.; CAVESTRO, J.M.; FERREIRA, W. Prevalência de transtorno de ansiedade generalizada em estudantes de medicina **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas.** Vol. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/view/47>
29. AQUINO, M.T. Repositório Institucional da UFMG: **Prevalência de transtornos mentais entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.** 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-93EL9J>
30. BRITO, J.R.; SILVA, P.R. **Uma análise sobre o consumo de ansiolíticos e antidepressivos entre estudantes de medicina** [Trabalho de Conclusão de Curso] Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021, 42 p.
31. RANK, V.; REMOR, K.V.; SAKAE, T.M.; GALATO, D.; FELDENS, V.P.; TREVISOL, D. Prevalência de estresse e associação com automedicação e sedentarismo em universitários da área da saúde. **Rev. AMRIGS.** Mar 2020.